

A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO POR SERVIDORES UNIVERSITÁRIOS: REVISÃO DE LITERATURA

Jessyka Biscaro Campos¹; Letícia Nogueira²; Daniel Fraga³.

¹Discente do curso de Bacharel em enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Coxim, MS, Brasil; ² Discente do curso de Bacharel em enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Coxim, MS, Brasil; ³ Docente do curso de Bacharel em enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Coxim, MS, Brasil.

DOI: 10.47094/IIICNNESP.2022/92

PALAVRAS-CHAVES: Acesso a medicamentos. Instituições Acadêmicas. Uso irracional de medicamentos. Docentes.

AREA TÉMÁTICA: Educação em Saúde

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define automedicação como a utilização de medicamentos para tratar doenças autodiagnosticadas, que são caracterizadas como um conjunto das ações de autocuidado. Porém de acordo com a Vigilância Sanitária (ANVISA), automedicação é utilizar determinado fármaco pela própria experiência, sem que haja a orientação de um profissional qualificado.

Esta é uma prática perigosa já que exhibe um potencial de riscos nas interações medicamentosas, toxicidade, reações adversas o que também poderá acarretar um diagnóstico tardio, devido ao fato do fármaco poder camuflar a patologia, o que resultará em uma resistência ao microrganismo ou não resolver o quadro clínico dos usuários (FERREIRA *et. al.*, 2018). Além de riscos podem causar o agravamento do distúrbio, a escolha de medicamentos inadequados e a sua administração incorreta pode levar a efeitos indesejados graves, a intoxicações, alergias e reações adversas (MATOS *et. al.*, 2018). Esta prática é bastante comum em todos os tipos e classes de pessoas, já que oferece alívio em curto prazo, porém com o tempo ela pode agravar e ainda originar novos problemas (CORREIA; TRINDADE; ALMEIDA, 2019).

A automedicação entre os servidores em ambiente universitário está se ampliando em diversas faixas etárias e gêneros. Na educação, o uso da automedicação entre estes profissionais pode estar relacionado à relação entre a saúde dos servidores e de suas condições de trabalho, (ALVES; BARBOSA, 2021).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1984, identificou a profissão docente como de alto risco, considerando a segunda categoria profissional, em nível mundial, a portar doenças de caráter ocupacional (VASCONCELLOS, 1997).

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática e levantamento de dados através de artigos disponíveis na base de dados do Lilacs e Scielo, com as palavras chaves Acesso a medicamentos. Instituições Acadêmicas. Uso irracional de medicamentos, Docentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A OMS (2016), enfatiza que o uso excessivo e irracional de medicamentos sem orientação médica pode resultar em maior probabilidade de terapia inadequada, incorreta ou indevida, diagnóstico incorreto, atrasos no tratamento adequado, resistência a patógenos e aumento da morbidade.

No Brasil a prática da automedicação é comumente realizada pela disponibilidade dos medicamentos isentos de prescrição médica, que são também chamados de OTC

("Over The Counter) ou de venda livre. Esses medicamentos apresentam benefícios ao seu uso que superam os riscos, ou seja, o potencial de uso abusivo e é baixo, e o usuário tem a possibilidade de se autodiagnosticar, não sendo necessário o acompanhamento médico para o uso efetivo e seguro do medicamento, no entanto mesmo estes medicamentos podem apresentar efeitos colaterais (PIPPI; RAMONA; STAHLER, 2019).

Segundo o Conselho Federal de Farmácia, as maiores causas de intoxicação medicamentosa no Brasil são por automedicação, sendo que entre os anos de 2010 e 2017 foram notificados 565.271 casos de intoxicação no Brasil, destes, 298.976 (52,8%) das ocorrências foram pela prática da automedicação (ANDRADE et al., 2020).

Embora a automedicação possa parecer uma prática comum no dia a dia, estudos apontam que suas consequências vão além das causas de intoxicação, sendo que a automedicação regular pode levar a dependência, agravamento dos distúrbios de humor, ao aumento dos problemas de saúde, e também pode prejudicar os relacionamentos sociais em casa, no trabalho, na escola e nos círculos de amigos (CORREIA; TRINDADE; ALMEIDA, 2019).

O Brasil registrou no Sistema Nacional de informações Tóxico - Farmacológicos (Sinitox/Fiocruz), no ano de 2011 cerca de 30 mil casos de intoxicação pelo uso de medicamentos e 53 mortes, correspondendo a uma letalidade de 0,18%, sendo eles os responsáveis por cerca de 28,6% do total de casos registrados.

Dentre os medicamentos, os analgésicos/antitérmicos são os mais utilizados, seguidos pelos antigripais e anti-inflamatórios, os principais sintomas para a automedicação é a cefaléia/febre, seguida por gripes e resfriados, a utilização destes medicamentos foi baseada pelo uso anterior do mesmo, (MATOS et. al., 2018).

Existem poucos estudos na literatura que avaliam a prática da automedicação entre os servidores universitários.

Bataier et. al., (2017) avaliaram a utilização da automedicação entre 82 docentes do nível superior. Segundo este estudo, a automedicação é maior nos servidores com idade acima de 31 anos, tendo como prevalência o sexo feminino, sendo na sua maioria servidores casados, os principais medicamentos utilizados foram os analgésicos/antitérmicos/anti-inflamatórios não esteroides (AINES), medicamentos antigripais, assim como os antialérgicos e antibióticos.

Entre as patologias que mais levaram estes profissionais a se automedicarem foram as cefaléias, enxaquecas, gripes, resfriados e dores musculares. A grande maioria dos medicamentos utilizados por estes servidores universitários, foram motivadas por experiências prévias com a utilização do medicamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer o uso de medicamentos sem a prescrição pode acarretar danos inimagináveis dentro seus usuários, as pessoas tendem a fazer uso de medicamentos como os analgésicos/antitérmicos, antigripais e histamicos, sem compreender os riscos que o uso incorreto dos medicamentos podem acarretar. Há uma vasta gama de competências e conhecimentos específicos necessários para que se possa fazer a prescrição correta de um medicamento e a população em geral não possui tais conhecimentos para realizar a utilização dos medicamentos sem a orientação e prescrição de um profissional de saúde, podendo assim o mau uso do medicamento acarretar em danos e efeitos indesejados.

Mais estudos são necessários sobre o uso da automedicação entre os servidores universitários, uma vez que são formadores de opinião, precisam ser conscientizados e concientizadores sobre os danos e problemas que o uso incorreto de medicamentos pode acarretar a saúde.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sâmia Moreira et al. **Caracterização do perfil das intoxicações medicamentosas por automedicação no Brasil, durante o período de 2010 a 2017.** Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. e236973952-e236973952, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3952>. Acesso em 08 de abr. de 2021.
- BATAIER, Vanessa Sabatine et al. **Automedicação entre docentes de nível superior.** Revista Enfermagem Atual In Derme, v. 81, n. 19, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.31011/reaid-2017-v.81-n.19-art.316>, acessado em 08 de jun. de 2022.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Gerência de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, de Publicidade, de Promoção e de Informação de Produtos Sujeitos a Vigilância Sanitária - GPROP** Projeto educação e promoção da saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos. Caderno do professor/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Anvisa, 2007. Acesso em: 08 Set. 2020.
- CORREIA, Bruna de Carvalho; TRINDADE, Juliana Kelly; ALMEIDA, Alexsandro Barreto. **Fatores correlacionados à automedicação entre os jovens e adultos: uma revisão integrativa da literatura.** Revista de Iniciação Científica e Extensão, v. 2, n. 1, p. 57-61, 2019. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/143>. Acesso em 08 de abr. de 2021.
- FRANCISCA DAS CHAGAS, G. Ferreira et al. **O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática.** Brazilian Applied Science Review, v. 5, n. 3, p. 1505-1518, 2021.
- FURTADO, Ivânia Tavares. **Automedicação e os seus riscos.** uBibliorum, v. 10, n. 23, 2019. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/8840>. Acesso em 04 de jun. de 2021.
- MATOS, Januária Fonseca et al. **Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante.** Cadernos Saúde Coletiva [online]. 2018, v. 26, n. 1 [Acessado 2 Junho 2022] , pp. 76-83. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1414-462X201800010351>>. ISSN 2358-291X. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201800010351>.
- MERLINI, Kassandra et al. **Automedicação e seus riscos à saúde da população barbosense.** In: MTC-Mostra Técnico-Científica 2019 IFRS-Campus Bento Gonçalves. 2020. Disponível em: <https://eventos.ifrs.edu.br/index.php/secbg/mtc2019/paper/view/8782>. Acesso em 04 de jun. de 2021.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Sistemas de Saúde: Medicamentos, Tecnologia e Pesquisa: Uso Racional de Medicamentos.** 2016. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_docman&view=list&slug=uso-racional-medicamentos-685&Itemid=965. Acessado em 12 de abr. de 2021.
- PIPPI, Dienifer P.; RAMONA, R. S.; STAHLER, Thatiane. **A automedicação, hábitos e riscos para a saúde.** II Encontro de Debates sobre Trabalho, Educação e Currículo Integrado, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/enteci/article/view/11546>. Acesso em 04 de jun. de 2021.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 6. ed. São Paulo: Libertad, 1997.